



Editorial

Prezados leitores, prezadas leitoras,

Este número de *ECO-REBEL* contém uma seleção de textos apresentados no VI Encontro Brasileiro de Ecolinguística (VI EBE), realizado pela modalidade *online*, nos dias 07 e 08 de novembro de 2024. O evento contou com duas presenças internacionais. A primeira é constituída pelas autoras do primeiro texto deste número da revista, da Espanha. A segunda é Adelaide Chichorro Ferreira, de Portugal, embora ela não tenha apresentado o texto escrito para publicação. O número inclui um texto não apresentado no evento, o de número 7, devido a sua relevância para a discussão dos discursos sobre o meio ambiente.

O primeiro texto deste volume, “Ecodidáctica sostenible de alemán como lengua extranjera: Traducción con perspectiva de igualdad de género y las nuevas tecnologías de traducción automática”, de Olga Koreneva Antonova & Isabel Gallego Gallardo, discute a atualíssima questão da tradução automática, salientando algumas de suas falhas, como o não reconhecer as questões de gênero na tradução do espanhol para o alemão. Por isso tradutores como Google Translator e o alemão DeepL precisam se adaptar. Só assim se atingiriam o nível de uma ecotradução.

O segundo texto é “Eventos extremos, antropocentrismo e biocentrismo vistos pela ADE”, de Ubirajara Moreira Fernandes, Márcio M. G. Silva & Hildo Honório do Couto. Ele tenta mostrar como a ADE pode ser um bom ponto de partida para se discutirem os eventos extremos e propor alternativas que possam mitigar os efeitos de um desastre de dimensões globais, que agora já parece inevitável.

O terceiro artigo, “Palavras que conectam a marcas: Ecolinguística no processo criativo”, de Ayumi Nakaba Shibayama, combina conhecimentos da Publicidade e da Ecolinguística para o entendimento de nomes de marcas comerciais. A autora explora conceitos como SCAMPER e *brainstorming* no modelo ecolinguístico da amпуlheta da lexicalização, de que representa pela primeira vez uma excelente aplicação, uma boa contribuição aos estudos ecolinguísticos, além da Publicidade.

O quarto texto, *O menino que descobriu o vento*, de Chiwetel Ejiofor sob a luz da Análise do Discurso Ecolinguística (ADE)”, de Erick S. S. Thomas & Elza Kioko N. N. do Couto, aplica a ADE, aos estudos sobre imagem de Aumont e sobre memória de Damásio e Halbwachs na análise do filme *O Menino que Descobriu o Vento*. Este fala da vida

do jovem William Kamkwamba diante da pobreza e a seca que assolava seu vilarejo na República do Malawi. Ressalta a criatividade do menino, que consegue resolver alguns dos sérios problemas da comunidade.

O texto número 5, “A iconicidade na oronímia sul-maranhense e a Ecolinguística”, de Geane M. Mendes & Maria Célia Dias de Castro, faz uma leitura da oronímia do sul do Maranhão, combinando conhecimentos da toponímia e do cognitivismo a fim de lhes dar uma interpretação ecolinguística.

O sexto texto, “Ecologia de Contato de Línguas à luz da Teoria Ecológica de Pressões em Dacar”, de Djiby Mane, explora o mosaico linguístico do Senegal. O autor combina conceitos da ecolinguística com outras propostas teóricas para discutir o multilinguismo senegalês, em que o francês é a língua oficial, o wolof a língua franca, diante da existência das 37 línguas do país. Interessantemente, é o wolof que pressiona as línguas nativas, talvez mais do que o francês.

O sétimo texto é “Ecoideologia: ideologia da vida como supraideologia”, de Ubirajara Moreira Fernandes, não foi apresentado no VI EBE, mas, dada sua relevância para a Análise do Discurso Ecológica, decidimos incluí-lo. Ele trata da espinhosa questão da ideologia, mostrando que as inúmeras ideologias existentes, sobretudo a do humanismo, devem passar pelo funil da ecoideologia, motivo pelo qual ela é uma supraideologia. O artigo mostra que os humanos devem fazer isso no interesse de sua própria sobrevivência na face da terra.

O oitavo texto é “Impactos socioambientais de parques eólicos no Nordeste do Brasil: Um estudo de textos-discursos na visão da linguística ambiental”, de Naziozênio Antonio Lacerda. Como o título já sugere, valendo-se da Linguística Ambiental, o autor procura mostrar que a despeito de a energia eólica ser aparentemente limpa, ela traz muitos prejuízos aos moradores das regiões em que é implantada, para não dizer prejuízos ambientais.

O nono artigo, “Valorização da diversidade biocultural por meio do estudo dos nomes vernaculares de plantas e animais”, de Eraldo Medeiros Costa Neto, mostra a importância da colaboração entre a ecolinguística, por um lado, e as etnociências e etnossistemática, entre outras ciências afins. Como diz o autor, “Os nomes vernaculares de animais e plantas desempenham um papel fundamental nesse diálogo, pois carregam informações sobre características, usos e comportamentos das espécies, revelando o conhecimento etnoecológico acumulado por gerações”. Na verdade, esses nomes “refletem não apenas características físicas das espécies, mas também seus papéis nos sistemas de crenças, na alimentação e na economia da comunidade”.